

HISTÓRIA ESQUECIDA

Localizada na região Norte do Espírito Santo, São Mateus, cidade com cerca de 132.642 habitantes, possui vários pontos turísticos, como a Igreja Velha, o Mirante, a praia de Guriri e o Sítio Histórico Porto que carregam em si e em sua população traços marcantes da história local e nacional. Tombado pelo Conselho Estadual de Cultura, no ano de 1976, o Sítio Histórico Porto, além de fomentar a política e economia local, foi o principal porto negreiro na época do Brasil colônia. Carrega em si uma arquitetura formada por 33 casarões, que, em conjunto, apresentam histórias distintas de ardor e luta que formam a cidade e jamais devem ser esquecidas.

Mônica Porto, escritora e moradora do local, em um dos seus poemas intitulado de “*Almas descalças*”, diz: “Caminho por entre os casarões esquecidos, / ruínas, em sua maioria, / e logo apenas escombros de um passado /...”. Mesmo com sua importância, atualmente o Porto vem sendo deixado de lado e pouco se fala sobre o caso. Moradores dos edifícios relatam sobre o abandono do local, alguns casarões fechados, assaltos frequentes e vandalismo ao patrimônio histórico e cultural. Todos esses fatores fazem com que o espaço fique desvalorizado, fazendo com que menos pessoas visitem o local, gerando impactos na renda das famílias que ali residem e alimentam o legado construído desde a época colonial.

Parte da população da própria cidade enxerga o Porto de outra forma, sempre lembrando que aquele cais, às margens do Rio Cricaré, foi um dos que trouxe africanos escravizados para o território brasileiro, e com isso, sustentam a ideia de que tudo deve ser ignorado a fim de “acabar” com a memória de sofrimento daqueles que por ali passaram. Através desse ponto, é importante citar o pesquisador e renomado escritor, Maciel de Aguiar, que escreveu *História dos Quilombolas*, série de 40 livros que retrata a trajetória de importantes personagens negros do município. Em entrevista comemorativa aos seus 50 anos de literatura, no ano de 2019, o escritor comentou que a sua motivação para começar a criar livros sobre esses assuntos foi a diferença entre as histórias na escola e as contadas por moradores nos fins de tarde do Porto. Além de falar sobre o sofrimento, o autor muitas vezes também ressignificou essas narrativas, trazendo aos leitores a reflexão de que elas devem resistir e não só

serem guardadas, como também expostas ao mundo, e não há lugar melhor para isso do que os casarões e museus presentes no Sítio Histórico da cidade.

No meu ponto de vista, nós vivemos constantemente cercados pela cultura do esquecimento e tentar destruir esse espaço físico só porque coisas ruins ocorreram nele não ocultará anos de história.

Em suma, acredito que o Governo Estadual em parceria com a Prefeitura Municipal deve restaurar o ambiente, tornando-o atrativo para visitação. Manter o local limpo e reabrir o museu África Brasil (fechado desde 2018 por falta de recursos) são passos fundamentais para a valorização do sítio histórico. Cuidar e zelar por uma área de tanta riqueza histórica é um grandioso sinal de respeito pelas vidas que permaneceram ali. Com isso, precisamos conservar esse espaço e fazer dele um lar de memórias.

Andreza Thomaz Quaresma, 3º. MIM